



Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Comunidade de Aliança e Vida (Distribuição gratuita) Edição: Maio-Junho / 2009

MARIA SANTÍSSIMA - MÃE DA IGREJA

>A Virgem Mãe de Cristo:

Querendo Deus, na Sua infinita benignidade e sabedoria, levar a cabo a redenção do mundo, ao chegar a plenitude dos tempos, enviou Seu Filho, nascido de mulher,... a fim de recebermos a filiação adotiva (Gal. 4, 4-5). Por amor de nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos Céus e encarnou na Virgem Maria, por obra e graça do Espírito Santo. Este divino mistério da salvação é-nos revelado e continua na Igreja, instituída pelo Senhor como Seu Corpo; nela os fiéis, aderindo à cabeça que é Cristo, e em comunhão com todos os santos, devem também venerar a memória em primeiro lugar da gloriosa e sempre Virgem Maria Mãe do nosso Deus e Senhor Jesus Cristo

>A Virgem e a Igreja:

Efetivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo no coração e no seio, e deu ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus Redentor. Remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de Seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem a todas as demais criaturas do Céu e da Terra.

Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, é verdadeiramente Mãe dos membros de Cristo... porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça. É, por esta razão, saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afeto de piedade.

>Intenção do Concílio: Por isso, o sagrado Concílio, ao expor a doutrina acerca da Igreja, na qual o divino Redentor realiza a salvação, pretende esclarecer cuidadosamente não só o papel da Virgem Santíssima no mistério do Verbo encarnado e do Corpo místico, mas também os deveres dos homens resgatados para com a Mãe de Deus, Mãe de Cristo e Mãe dos homens, sobretudo dos fiéis. Não tem, contudo, intenção de propor toda a doutrina acerca de Maria, nem de dirimir as questões ainda não totalmente esclarecidas pelos teólogos. Conservam, por isso, os seus direitos as opiniões que nas escolas católicas livremente se propõem acerca daquela que na santa

igreja ocupa depois de Cristo o lugar mais elevado e também o mais próximo de nós.

A VIRGEM SANTÍSSIMA NA ECONOMIA DA SALVAÇÃO:



>A Mãe do Redentor no Antigo Testamento:

A Sagrada Escritura do Antigo e Novo Testamento e a venerável tradição mostram de modo progressivamente mais claro e como que nos põem diante dos olhos o papel da Mãe do Salvador na economia da salvação. Os livros do Antigo Testamento descrevem a história da salvação na qual se vai preparando lentamente a vinda de Cristo ao mundo. Esses antigos documentos, tais como são lidos na Igreja e interpretados à luz da plena revelação ulterior, vão pondo cada vez mais em evidencia a figura duma mulher, a Mãe do Redentor. A esta luz, Maria encontra-se já profeticamente delineada na promessa da vitória sobre a serpente (cf. Gen. 3,15), feita aos primeiros pais caídos no pecado. Ela é, igualmente, a Virgem que conceberá e dará à luz um Filho, cujo nome será Emmanuel (cf. Is. 7, 14; cf. Miq. 5,2-3; Mt. 1, 22-23).

É a primeira entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus. Com ela, enfim, excelsa Filha de Sião, passada a longa espera da promessa, se cumprem os tempos e se inaugura a nova economia da salvação, quando o Filho de Deus dela recebeu a natureza humana, para libertar o homem do

pecado com os mistérios da Sua vida terrena.

>Maria na Anunciação:

Mas o Pai das misericórdias quis que a aceitação, por parte da que Ele destinara para mãe, precedesse a encarnação, para que, assim como uma mulher contribuiu para a morte, também outra mulher contribuisse para a vida. É o que se verifica de modo sublime na Mãe de Jesus, dando à luz do mundo a própria Vida, que tudo renova. Deus adornou-se com dons dignos de uma tão grande missão; e, por isso, não é de admirar que os santos Padres chamem com frequência à Mãe de Deus – toda Santa e imune de toda a mancha de pecado, visto que o próprio Espírito Santo a modelou e d'Ela fez uma nova criatura. Enriquecida, desde o primeiro instante da sua conceição, com os esplendores duma santidade singular, a Virgem de Nazaré é saudada pelo Anjo, da parte de Deus, como cheia de graça (cf. Lc. 1,28); e responde ao mensageiro celeste: eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua palavra (Lc.1,38). Deste modo, Maria, filha de Adão, dando o seu consentimento à palavra divina, tornou-se Mãe de Jesus e, não retida por qualquer pecado, abraçou de todo o coração o designo salvador de Deus, consagrou-se totalmente, como escrava do Senhor, à pessoa e à obra de seu Filho, subordinada a Ele e juntamente com Ele, servindo pela graça de Deus onipotente o mistério da Redenção. Por isso, consideram com razão os santos Padres que Maria não foi utilizada por Deus como instrumento meramente passivo, mas que cooperou livremente, pela sua fé e obediência, na salvação dos homens. Como diz S. Ireneu, obedecendo, ela tornou-se causa de salvação, para si e para todo o gênero humano. Eis porque não poucos, Padres afirmam com ele, nas suas pregações, que o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a Virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a virgem Maria com a sua fé; e, por, comparação com Eva, chamam Maria a Mãe dos vivos e afirmam muitas vezes: a morte veio por Eva, a vida veio por Maria.

>Maria na Infância de Jesus: Esta associação da mãe com o Filho na obra da salvação, manifesta-se desde a conceição virginal de Cristo até à Sua morte.

Primeiro, quando Maria, tendo partido sollicitamente para visitar Isabel, foi por ela chamada bem-aventurada, por causa da fé com que acreditara na salvação prometida, e o precursor exultou no seio de sua mãe (cf. Lc. 1,41-45); depois, no nascimento, quando a Mãe de Deus, cheia de alegria,

apresentou aos pastores e aos magos o seu Filho primogênito, o qual não só não lesou a sua integridade, mas antes a consagrou. E quando O apresentou no templo ao Senhor, com a oferta dos pobres, ouviu Simeão profetizar que o Filho viria a ser sinal de contradição e que uma espada transpassaria o coração da mãe, a fim se revelarem os pensamentos de muitos (cf. Lc. 2. 34-35). Ao Menino Jesus, perdido e buscado com aflição, encontraram-n'O os pais no templo, ocupado nas coisas de Seu Pai; e não compreenderam o que lhes disse. Mas sua mãe conservava todas estas coisas no coração e nelas meditava (cf. Lc. 2,41-51).

>Maria na vida pública e na paixão de Cristo: Na vida pública de Jesus, Sua Mãe aparece duma maneira bem marcada logo no princípio, quando, nas bodas de Cana, movida de compaixão, levou Jesus Messias a dar início aos Seus milagres. Durante a pregação de Seu Filho, acolheu as palavras com que Ele, pondo o Reino acima de todas as relações de parentesco, proclamou bem-aventurados todos os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática (cf. Mc. 3,35 e Lc. 11,27-28); coisa que ela fazia fielmente (cf. Lc. 2,19 e 51). Assim avançou a Virgem pelo caminho da fé, mantendo fielmente a união com seu Filho até à Cruz. Junto deste esteve, não sem designo de Deus (cf. Jo. 19,25), padecendo acerbamente com o seu Filho único, e associando-se com coração de mãe ao Seu sacrifício, consentindo com amor na imolação da vítima que d'Ela nascera; Jesus Cristo, agonizante na cruz, deu-a por mãe ao discípulo, com estas palavras: mulher, eis aí o teu filho (cf. Jo. 19, 26-27).

>Maria depois da Ascensão: Tendo sido do agrado de Deus não manifestar solenemente o mistério da salvação humana antes que viesse o Espírito prometido por Cristo, vemos que, antes do dia de Pentecostes, os Apóstolos perseveraram unânimemente em oração, com as mulheres, Maria Mãe de Jesus e Seus irmãos (At 1,14), implorando Maria, com as suas orações, o dom daquele Espírito, que já sobre si descera na anunciação. Finalmente, a Virgem Imaculada, preservada imune de toda a mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrena, foi elevada ao Céu em corpo e alma e exaltada por Deus como rainha, para assim se conformar mais plenamente com seu Filho, Senhor dos Senhores (cf. AP 19,16) e vencedor do pecado e da morte.

AVIRGEM SANTÍSSIMA E A IGREJA:

>O influxo salutar de Maria e a mediação de Cristo: O nosso mediador é só um, segundo a palavra do Apóstolo: não há senão um Deus e um mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, que Se entregou a Si mesmo para redenção de todos (1 Tim 2, 5,6). Mas a função maternal de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta antes a sua eficácia. Com efeito, todo o influxo salvador da Virgem Santíssima sobre os homens se deve ao beneplácito divino e não a qualquer necessidade; deriva da abundância dos méritos de Cristo, funda-se na Sua mediação e dela depende

inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia; de modo nenhum impede a união imediata dos fiéis com Cristo, antes a favorece.

>A maternidade espiritual: A Virgem Santíssima, predestinada para Mãe de Deus desde toda a eternidade simultaneamente com a encarnação do Verbo, por disposição da divina Providência foi na terra a nobre Mãe do Divino Redentor, a Sua mais generosa cooperadora e a escrava humilde do Senhor. Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça.

>A natureza da sua mediação: Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu a anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De fato, depois de elevada ao Céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. Pro isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira. Mas isto entende-se de maneira que nada tire nem acrescente à dignidade e eficácia do único mediador, que é o Cristo.

Efetivamente, nenhuma criatura se pode equiparar ao Verbo encarnado e Redentor; mas, assim como o sacerdócio de Cristo é participando de diversos modos pelos ministros e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, sendo uma só, se difunde variamente pelos criados, assim também a mediação única do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas cooperações diversas, que participam dessa única fonte.

Esta função subordinada de Maria, não hesita a Igreja em proclamá-la; sente-a constantemente e inculca-a aos fiéis, para mais intimamente aderirem, com esta ajuda materna, ao seu mediador e salvador.

>Maria tipo da Igreja e Mãe: Pelo dom e missão da maternidade divina, que a une a seu Filho Redentor, e pelas suas singulares graças e funções, está também a Virgem intimamente ligada, à Igreja: a Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, como já ensinava S. Ambrósio. Com efeito, no mistério da Igreja, a qual é também com razão chamada mãe e virgem, a bem-aventurada Virgem Maria foi adiante, como modelo eminente e único de virgem e de mãe. Porque, acreditando e obedecendo, gerou na terra, sem ter conhecido varão, por obra e graça do Espírito Santo, o Filho do eterno Pai; nova Eva, que acreditou sem a mais leve sombra de dúvida, não na serpente antiga, mas no mensageiro de muitos irmãos (Rom 8,29), isto é, dos fiéis, para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe.

>A fecundidade virginal da Igreja: Por sua vez, a Igreja que contempla a sua santidade misteriosa e imita a sua caridade, cumprindo fielmente a vontade do Pai, toma-se também, ela própria, mãe, pela fiel recepção da

palavra de Deus: efetivamente, pela pregação e pelo Batismo, gera, para vida nova e imortal, os filhos concebidos por ação do Espírito Santo e nascidos de Deus. E também ela é virgem, pois guarda fidelidade total e pura ao Seu Esposo e conserva virginalmente, à imitação da Mãe do Seu Senhor e por virtude do Espírito Santo, uma fé íntegra, uma sólida esperança e uma verdadeira caridade.

>Virtudes de Maria: Mas, ao passo que, na Santíssima Virgem, a Igreja alcançou já aquela perfeição sem mancha nem ruga que lhe é própria (cf. Ef. 5,27), os fiéis ainda têm de trabalhar por vencer o pecado e crescer na santidade; e por isso levantam os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a família dos eleitos. A Igreja, meditando, piedosamente na Virgem, e contemplando-a à luz do Verbo feito homem, penetra mais profundamente, cheia de respeito, no insondável mistério da Encarnação, e mais e mais se conforma com o seu Esposo.

Pois Maria, que entrou intimamente na história da salvação, e, por assim dizer, reúne em si e reflete os imperativos mais altos da nossa fé, ao ser exaltada e venerada, atrai os fiéis ao Filho, ao Seu sacrifício e ao amor do Pai. Por sua parte, a Igreja, procurando a glória de Cristo, torna-se, mas semelhante àquela que é seu tipo e sublime figura, progredindo continuamente na fé, na esperança e na caridade, e buscando e fazendo em tudo a vontade divina. Daqui vem igualmente que, na sua ação apostólica, a Igreja olha com razão para aquela que gerou a Cristo, o qual foi concebido por ação do Espírito Santo e nasceu da Virgem precisamente para nascer e crescer também no coração dos fiéis, por meio da Igreja. E, na sua vida, deu a Virgem exemplo daquele afeto maternal de que devem estar animados todos quantos cooperam na missão apostólica que a Igreja tem de regenerar os homens.

>NOTA IMPORTANTE: Desde o final do século dois, os cristãos do Egito e do norte da África, onde havia mais de 400 comunidades cristãs, já a invocavam como Mãe de Deus, na oração que talvez seja a mais antiga que a Igreja conheça: "Debaixo de Vossa proteção nos refugiemos Santa Mãe de Deus, não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, Virgem gloriosa e bendita".

Nas aparições a Santa Catarina Labouré, em Paris, em 1830, Maria ensinou-lhe a conhecida oração que foi couchada na Medalha Milagrosa: "Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós".

MARIAMÃE DA IGREJA:

O Papa Paulo VI dirigindo-se aos padres conciliares do Vaticano II, declarou que Maria Santíssima é Mãe da Igreja.

Exortação Apostólica de Sua Santidade o Papa Paulo VI consagrada ao culto da Virgem Maria, Mãe Da Igreja e Modelo de todas as virtudes:

O «sinal grandioso» que o Apóstolo S. João viu no Céu: «uma Mulher revestida com o sol» (cf. Ap 12,1), não sem fundamento o interpreta a Sagrada Liturgia como referindo-se à Santíssima Virgem Maria, Mãe de todos os homens pela graça de

Cristo Redentor.

Está ainda viva, Veneráveis Irmãos, no nosso ânimo a recordação da grande emoção sentida ao proclamar a augusta Mãe de Deus como Mãe espiritual da Igreja e portanto de todos os fiéis e sagrados Pastores, a coroar a terceira sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, após ter solenemente promulgado a Constituição Dogmática «[Lumen Gentium](#)». Grande foi também a exultação, quer de muitíssimos Padres conciliares, quer dos fiéis presentes ao sagrado rito na Basilica de S. Pedro e de todo o povo cristão espalhado pelo mundo. Espontânea tornou então à mente de muitos a recordação do primeiro grandioso triunfo alcançado pela humilde «*Serva do Senhor*» (cfr. Lc 1,38) quando os Padres do Oriente e do Ocidente, reunidos no Concílio Ecumênico em Éfeso, no ano de 431, saudaram Maria como «*Theotokos*»: Mãe de Deus. A exaltação dos Padres associou-se com júbilo ímpeto de fé a população cristã da ilustre cidade, que os acompanhou com archotes às suas residências. Oh! com que maternal complacência, naquela hora gloriosa para a história da Igreja, a Virgem Maria terá observado Pastores e fiéis, reconhecendo, nos hinos de louvor que se elevavam em honra principalmente do Filho e depois em sua honra, o eco do cântico profético que Ela própria, por impulso do Espírito Santo, tinha elevado ao Altíssimo: «*enaltece a minha alma ao Senhor ... porque olhou para a humilde condição da sua Serva. De fato, desde agora me hão-de chamar ditosa todas as gerações, porque me fez grandes coisas o Onipotente*» (Lc 1,46,48-49).

Aproveitando a ocasião das cerimônias religiosas que têm lugar nestes dias em Fátima (Portugal) em honra da Virgem Mãe de Deus, onde Ela é venerada por numerosas multidões de fiéis, pelo seu coração «*maternal e compassivo*», desejamos mais uma vez chamar a atenção de todos os filhos da Igreja para o inseparável nexa tão amplamente ilustrado na Constituição Dogmática «[Lumen Gentium](#)», existente entre a maternidade espiritual de Maria e os deveres dos homens remidos para com Ela, como Mãe da Igreja.

Uma vez admitido, com efeito, perante os numerosos testemunhos oferecidos pelos textos sagrados e dos Santos Padres, e recordados na mencionada Constituição, que Maria, «*Mãe de Deus Redentor*» (cfr. [Lumen Gentium](#), 53) foi a Ele unida por «*vínculo estreito e indissolúvel*» (ibid.) e que teve uma especialíssima «*função ... no Mistério do Verbo Incarnado e do Corpo Místico*» (L.G. 54), quer dizer na «*economia da salvação*» (L.G. 55), parece evidente que a Virgem, não só «*por ser a Mãe Santíssima de Deus, e como tal haver interferido nos mistérios de Cristo*» (L.G. 66), mas também por ser «*Mãe da Igreja*», é pela mesma Igreja venerada «*com culto especial*» (cfr. L.G. 66), particularmente litúrgico (cfr. L.G. 67).

Nem é de temer que a reforma litúrgica, se efetuada segundo a fórmula: «*a lei da fé deve estabelecer a lei da oração*» possa vir em detrimento do culto «*de todo singular*» (cfr. L.G. 66) devido a Maria Virgem pelas suas prerrogativas, entre as quais ressalta a dignidade de Mãe de Deus. E nem

mesmo se deve temer que o incremento do culto, tanto litúrgico como privado, a Ela dedicado, possa ofuscar ou diminuir o «*culto de adoração, que é prestado ao Verbo Encarnado e do mesmo modo ao Pai e ao Espírito Santo*» (L.G. 66).

Portanto, sem querer aqui, veneráveis Irmãos, apresentar no seu conjunto a doutrina tradicional respeitante à função da Mãe de Deus no plano da salvação e às Suas relações com a Igreja, julgamos fazer algo de grande utilidade para as almas dos fiéis, se nos detivermos a considerar duas verdades muito importantes para a remodelação da vida cristã.

>O CULTO DEVIDO A MARIA COMO MÃE DA IGREJA:



Maria Santíssima, Mãe espiritual perfeita da Igreja: A primeira verdade é esta: Maria é Mãe da Igreja não apenas por ser Mãe de Jesus Cristo e Sua muito íntima colaboradora na «*nova economia, quando o Filho de Deus assume d'Ela a natureza humana, para libertar o homem do pecado*» mediante os mistérios da Sua carne (L.G. 55), mas também porque «*refulge em toda a comunidade dos eleitos como modelo de virtude*» (cfr. L.G. 65 também o n. 63). Como, na verdade, cada mãe humana não pode limitar a sua missão à geração de um novo homem mas deve alargá-la à nutrição e à educação, assim se comporta também a bem-aventurada Virgem Maria. Depois de ter participado no sacrifício redentor do Filho, e de maneira tão íntima que lhe fez merecer ser por Ele proclamada Mãe não só do discípulo João, mas — seja consentido afirmá-lo — do gênero humano, por aquele de algum modo representado, Ela continua agora no céu a cumprir a missão que teve na terra de *cooperadora no nascimento e desenvolvimento da vida divina em cada alma dos homens remidos*. Esta é uma consoladora verdade, que por ser livre beneplácito de Deus sapientíssimo faz parte integrante do mistério da salvação humana; por isso ela deve ser considerada como de fé por todos os cristãos.

Maria Mãe espiritual mediante a sua intercessão junto do Filho: Mas de que modo coopera Maria no crescimento dos membros do Corpo Místico na vida da graça? Em primeiro lugar mediante a sua incessante súplica, inspirada por uma ardente caridade. A Virgem Santa, embora feliz pela visão da

augusta Trindade, não esquece os seus filhos que caminham como Ela outrora na «*peregrinação da fé*» (L.G. 58). Contemplando-os em Deus e vendo bem as suas necessidades, em comunhão com Jesus Cristo que está «*sempre vivo a interceder por eles*» (Heb 7,25), deles se constitui Advogada, Auxiliadora, Amparo e Medianeira (cfr. L.G. 62). Desta sua ininterrupta intercessão junto do Filho pelo Povo de Deus, tem estado a Igreja desde os primeiros séculos persuadida, como testemunha esta antiqüíssima antifona que, com algumas ligeiras diferenças, faz parte da oração litúrgica tanto no Oriente como no Ocidente: «*à tua proteção nos acolhemos ó Mãe de Deus; não desprezes as nossas súplicas nas necessidades, mas salva-nos de todos os perigos ó (tu) que só (és) a bendita*». Nem se pense que a intervenção maternal de Maria traga prejuízo à eficácia predominante e insubstituível de Cristo, nosso Salvador; pelo contrário, ela tira a sua força da mediação de Cristo e é dela uma prova luminosa (cfr. L.G. 62).

Maria Educadora da Igreja com a fascinação das suas virtudes: Não se esgota, porém, no patrocínio junto do Filho a cooperação da Mãe da Igreja no desenvolvimento da vida divina nas almas. Ela exerce sobre os homens remidos uma outra influência: a do exemplo. Influência, na verdade, importantíssima, segundo a conhecida máxima: «*As palavras movem, mas o exemplo arrasta*». Realmente, tal como os ensinamentos dos pais adquirem eficácia bem maior se são apoiados pelo exemplo duma vida dentro das normas da prudência humana e cristã, assim também a suavidade e o encanto das excelsas virtudes da Imaculada Mãe de Deus atraem de maneira irresistível os ânimos para a imitação do divino modelo, Jesus Cristo, de que Ela foi a mais fiel imagem. Por isso o Concílio declarou: «*A Igreja, refletindo piedosamente sobre Maria e contemplando-a à luz do Verbo feito homem, cheia de respeito penetra mais e mais no íntimo do altíssimo mistério da Encarnação e vai tomando cada vez mais a semelhança do seu Esposo*» (LG 65).

A santidade de Maria, luminoso exemplo de perfeita fidelidade à graça: É bom, além disso, ter presente que a eminente santidade de Maria não foi apenas um dom singular da liberalidade divina: foi também o fruto da contínua e generosa correspondência da sua livre vontade às moções interiores do Espírito Santo. É por motivo da perfeita harmonia entre a graça divina e a atividade da sua natureza humana que a Virgem rendeu suprema glória à Santíssima Trindade e se tornou honra insigne da Igreja, que como tal a saúda na Sagrada Liturgia: «*Tu (és) a glória de Jerusalém, tu (és) a alegria de Israel, tu (és) a honra do nosso povo*».

Exemplos de virtudes Marianas nas páginas do Evangelho: Nas páginas do Evangelho admiramos os testemunhos de tão sublime harmonia. Maria, logo que obteve a certeza pela voz do Anjo Gabriel que Deus a elegia para Mãe do seu Filho Unigênito, sem qualquer hesitação, deu o seu consentimento para uma obra na qual teria de empregar todas as energias da sua frágil natureza, declarando: «*Eis a Serva*

do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1,38). Desde esse momento, Ela consagrou-se inteiramente ao serviço, não apenas do Pai celeste e do Verbo Encarnado, tornado seu Filho, mas também de todo o gênero humano, pois compreendeu bem que Jesus, além de salvar o Seu povo da escravidão do pecado, seria o Rei de um Reino messiânico, universal e eterno (cf. Mc 1,21; Lc 1,33).

Maria, Serva do Senhor, desde a Anunciação até à sua gloriosa Assunção: Por este motivo, a vida da Imaculada Esposa de José, virgem «no parto e depois do parto» — como sempre acreditou e professou a Igreja Católica e como convinha Aquela que tinha sido elevada à dignidade incomparável da maternidade divina — foi uma vida de perfeita comunhão com o Filho, partilhando com Ele alegrias, dores e triunfos. E mesmo depois de Jesus subir ao céu, ficou unida a Ele por um ardentíssimo amor, enquanto cumpria com fidelidade a nova missão de Mãe espiritual do discípulo predileto e da Igreja nascente. Pode afirmar-se, assim, que toda a vida da humilde Serva do Senhor, desde o momento em que foi saudada pelo Anjo até à sua assunção em alma e corpo à glória celeste, foi uma vida de amoroso serviço. Associando-nos, portanto, aos Evangelistas, aos Padres e aos Doutores da Igreja, recordados pelo Concílio Ecumênico na Constituição Dogmática «Lumen Gentium» (cap. VIII), cheios de admiração, contemplamos Maria, firme na fé, pronta na obediência, simples na humildade, exultante no louvor do Senhor, ardente na caridade, forte e constante no cumprimento da sua missão até ao holocausto de si própria, em plena comunhão de sentimentos com o seu Filho, que se imolava na Cruz para dar aos homens uma vida nova.

Justo culto de louvor e de gratidão à Mãe da Igreja: Pois bem, perante tanto esplendor de virtudes, o primeiro dever de quantos reconhecem na Mãe de Cristo o modelo da Igreja é o de, em união com Ela, render graças ao Altíssimo por ter realizado em Maria tão grandes obras em benefício da humanidade inteira. Mas não basta. É igualmente dever de todos os fiéis tributarem à fidelíssima Serva do Senhor um culto de louvor, de reconhecimento e de amor, uma vez que, segundo a sapiente e suave disposição divina, o seu livre consentimento e a sua generosa cooperação nos desígnios de Deus tiveram e continuam a ter uma grande influência na realização da salvação humana (cf. L.G. 56).

Por este motivo, cada cristão pode fazer sua a invocação de S. Anselmo: «Ó gloriosa Senhora, faz com que por ti mereçamos chegar até Jesus, teu Filho, que por teu intermédio se dignou descer até nós».

>Papa João Paulo II: O Papa João Paulo II, em 1981, mandou colocar na parte externa e alta da Secretaria de Estado, que olha para a Praça de São Pedro, a imagem de Maria Mãe da Igreja. Todos a vêem de qualquer ponto da Praça. Trata-se de uma cópia feita em mosaico da conhecida como Nossa Senhora da Coluna. Assim chamada, porque seu original estava

pintado numa coluna de mármore da primitiva basílica de São Pedro. Quando essa foi destruída, em 1607, para dar lugar à grande Basílica como a temos hoje, a parte da coluna com a imagem foi posta, na nova igreja, sobre o altar que abriga as relíquias de três papas, os três com o nome de Leão (II, III e IV), onde está até hoje. Dessa pintura, de autor anônimo, foi feito o mosaico que agora domina discretamente a Praça. Vestida de azul celeste, Maria tem nos braços, em gesto de oferecimento ao povo, o Menino que, sorridente, abençoa com a mão direita, à moda grega. Ambos, Mãe e Filho, olham para longe, como que contemplando a Praça, a Cidade e o mundo, derramando sobre todos um olhar de inefável bondade, trazendo à memória a parte final da Lumen Gentium, onde Maria é considerada sinal de segura esperança e de conforto ao povo de Deus em peregrinação. Sob a imagem, em grandes letras de bronze, legíveis da Praça, está escrito: Mãe da Igreja.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (COMPÊNDIO):

MARIA MÃE DE CRISTO, MÃE DA IGREJA:

*Em que sentido a Bem-aventurada Virgem Maria é Mãe da Igreja? A Bem-aventurada Virgem Maria é Mãe da Igreja na ordem da graça porque deu à luz Jesus, o Filho de Deus, Cabeça do corpo que é a Igreja. Jesus ao morrer na cruz, indicou-a como mãe ao discípulo com estas palavras: «Eis a tua Mãe» (Jo 19, 27).

*Como é que a Virgem Maria ajuda a Igreja? Após a Ascensão do Seu Filho, a Virgem Maria ajuda, com as suas orações, as primícias da Igreja e, mesmo depois da sua assunção ao céu, continua a interceder pelos seus filhos, a ser para todos um modelo de fé e de caridade, e a exercer sobre eles um influxo salutar, que nasce da superabundância dos méritos de Cristo. Os fiéis vêem nela uma imagem e uma antecipação da ressurreição que os espera, invocando-a como advogada, auxiliadora, socorro, medianeira.

*Que tipo de culto se presta à Virgem santíssima? É um culto singular, que difere essencialmente do culto de adoração, prestado apenas à Santíssima Trindade. Tal culto de especial veneração encontra uma particular expressão nas festas litúrgicas dedicadas à Mãe de Deus e na oração mariana, como o santo Rosário, resumo de todo o Evangelho.

*Como é que a bem-aventurada Virgem Maria é ícone escatológico da Igreja? Dirigindo o seu olhar para Maria, santíssima e já glorificada em corpo e alma, a Igreja contempla o que ela própria é chamada a ser na terra e o que será na pátria celeste.



Jesus, o mais feliz dos filhos da mais amável das mães! A vossa ventura bem eu quisera comprar pelo preço de todas as

adversidades, a vossa glória pelo preço de todas as humilhações, o vosso tesouro pelo preço de todas as humilhações, o vosso tesouro pelo preço de todas as coroas da terra! Oh! Mãe de todos os cristãos, <<se eu vos esquecer um dia, inútil se torne a minha mão direita. Se deixar de vos possuir em meu espírito, a minha língua não se desprenda da boca>>. Que ventura para eu ter por mãe a mesma Mãe de Jesus! Muito gostaria Senhora, que me quisésseis receber entre os vossos mínimos servos. Ser filho de Maria é título mais glorioso que os mais honrosos títulos que se disputam os homens neste mundo. Sois a minha Mãe! E que vantagens inestimáveis não me trará essa feliz adoção, tornando-me temível para o próprio inferno! Tão ingrato que fui para o meu Deus, digno me fiz só de castigos, sem merecer perdão nem graças. Todavia, espero de sua misericórdia, e mais espero ainda quando penso que sois Vós, Maria, a minha Mãe! Fizestes-me ver que sois minha Mãe, obtendo para mim graças de regresso ao serviço de Deus. Chegai Senhora, ao extremo do vosso amor, obtendo para mim uma graça da perseverança! Dai que eu colha sempre do vosso coração, Maria, esses sentimentos que nunca se esgotam no vosso coração maternal, ainda para o pior dos vossos filhos. Porquanto, também vossa será a consolação se tiverdes em mim um filho digno de uma Mãe como Vós sois! Assim Seja, Amém!"

AFESTADA DIVINA MISERICÓRDIA

> VIDA DA IRMÃ FAUSTINA: "A irmã Faustina Kowalska, nasceu como terceira de dez filhos numa pobre, mas piedosa família de aldeões, no dia 25 de Agosto de 1.905 em Glogowiec (Polônia). No Batismo, recebeu o nome de Helena. Desde a infância distinguiu-se pela piedade, amor à oração, diligência e obediência, e ainda por uma grande sensibilidade às misérias humanas. Frequentando a escola, não chegou a acabar a terceira série; como jovem de dezesseis anos deixou a casa familiar para ir trabalhar como empregada doméstica, a fim de angariar meios de subsistência própria e ajudar seus pais.

O chamamento à vocação faz-se sentir desde os sete anos de idade (dois anos antes de Primeira Comunhão), embora os pais não concordassem com a idéia da entrada da filha para um Convento. Nesta situação Helena procurava encobrir este divino chamamento mas, interpelada pela visão de Cristo sofredor e pelas Suas palavras de repreensão relata:

"Numa ocasião, eu estava com uma de minhas irmãs num baile. Quando todos se divertiam a valer, a minha alma sentia tormentos interiores. No momento em que comecei a dançar, de repente, vi Jesus a meu lado, Jesus sofredor, despojado de suas vestes, todo coberto de chagas e que me disse estas palavras: "Até quando hei de ter paciência contigo e até quando tu Me desiludirás?". Neste momento, parou a música encantadora, não vi mais as pessoas que comigo estavam, somente Jesus e eu ali permanecíamos. Sentei-me ao lado de minha irmã, disfarçando com

uma dor de cabeça aquilo o que se passava comigo. Em seguida, deixei disfarçadamente os companheiros e minha irmã e fui à catedral de Santo Estanislau. Sem prestar atenção a nada do que ocorria à minha volta, caí de bruços diante do Santíssimo Sacramento e pedi ao Senhor que me desse a conhecer o que devia fazer a seguir. Então, ouvi estas palavras: “Vai imediatamente a Varsóvia, e lá entrarás no convento”. Terminada a oração, levantei-me, fui para casa e arrumei as coisas indispensáveis. Como pude, relatei à minha irmã o que acontecera na minha alma; pedi que se despedisse por mim dos meus pais e assim, só com a roupa que tinha no corpo, sem mais nada vim para Varsóvia”.

la batendo a muitas portas de casas religiosas, todavia em nenhuma sendo admitida. Enfim, no dia 1º de Agosto de 1.925, tranpôs o limiar da clausura no Convento da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia, em Varsóvia, e diz: “Sentia-me imensamente feliz, parecia que havia entrado na vida do paraíso. O meu coração só era capaz de uma contínua oração de ação de graças”.

Entretanto, após algumas semanas sentiu uma forte tentação de mudar de Congregação, para onde houvesse mais tempo dedicado à oração. Nessa altura, Nosso Senhor, mostrando-lhe a Sua face dolorosa e chagada, disse...“Tu Me infligirás tamanha dor, se saíres desta Congregação! Chamei-te para este e não para outro lugar e preparei muitas graças para ti”.

Na Congregação recebeu o nome de Irmã Maria Faustina. O noviciado realizou-se em Cracóvia onde fez seus primeiros votos religiosos e após cinco anos os votos perpétuos: de castidade, pobreza e obediência. Trabalhava nas diversas Casas da Congregação exercendo funções de cozinheira, jardineira e até de porteira.

No exterior nada deixava transparecer a sua muito rica mística. Cumpria assiduamente suas funções, guardando com zelo a regra religiosa, era recolhida e silenciosa, embora ao mesmo tempo natural, serena, cheia de amor benevolente e desinteressado para com o próximo.

Toda sua vida se concentrava numa efetiva aspiração a uma união cada vez mais plena com Deus e à colaboração generosa com Jesus na obra da salvação das almas, ela dizia: “Ó meu Jesus, Vós sabeis que desde os meus mais tenros anos eu desejava tornar-me uma grande santa, isto é, desejava amar-Vos com um amor tão grande com que até então nenhuma alma Vos tinha amado”.

Nosso Senhor concedeu-lhe grandes graças: o dom da contemplação, o profundo conhecimento do mistério da Misericórdia de Deus, as visões, as aspirações, os estigmas escondidos, o dom da profecia, de discernimento, e também o dom só raramente concedido dos esposais místicos.

Ela escreveu: “Nem graças, nem aparições, nem êxtases, ou qualquer outro dom que lhe seja concedido torna a alma perfeita, mas sim a união íntima com Deus. A minha santidade e perfeição consistem na união estreita da minha vontade com a



vontade de Deus”.

O austero regime de vida e os esgotantes jejuns que ela própria se impôs, ainda antes da entrada para a Congregação, de tal maneira enfraqueceram o seu organismo que, já no tempo de postulante, foi necessário mandá-la para uma casa da Congregação a fim de melhorar sua saúde. Depois do primeiro ano de noviciado vieram as dolorosas experiências místicas da assim chamada “noite escura” e, a seguir, os sofrimentos espirituais e morais ligados com a realização da missão que lhe era confiada por Nosso Senhor. A Irmã Faustina ofereceu sua vida pelos pecadores e por isto passava por diversos sofrimentos socorrendo assim as almas. Nos últimos anos de vida aumentaram os tormentos interiores da dita noite passiva do espírito e os padecimentos do organismo: desenvolve-se uma tuberculose que lhe atacou os pulmões e os intestinos. Por causa disto esteve por duas vezes, e durante alguns meses, internada no hospital.

Fisicamente esgotada até ao limite, embora em pleno amadurecida no seu espírito, misticamente unida a Deus, acabou por falecer em fama de santidade a 5 de Outubro de 1.938, com apenas 33 anos de vida e 13 de profissão religiosa. Seu corpo foi depositado no cemitério do Convento em Cracóvia e, durante o processo de beatificação em 1.966, transladado para a Capela.

Em 18 de Abril de 1.993 foi beatificada pelo Santo Padre, João Paulo II e em 30 de Abril de 2.000, canonizada também pelo Santo Padre João Paulo II.

Àquela simples religiosa, sem instrução, mas valorosa e de uma confiança sem limites em Deus, Jesus Cristo confiou a grande missão: a Mensagem da Misericórdia dirigida a todo o mundo”:

“Hoje estou enviando-te - disse Jesus à ela - a toda a humanidade com a Minha misericórdia. Não quero castigar a sofrida humanidade, mas desejo curá-la estreitando-a ao Meu misericordioso Coração”. “És a secretária da Minha misericórdia. Eu te escolhi para essa função nesta e na outra vida”. “(..) dar a conhecer às almas a grande misericórdia, que tenho para com elas, e

animá-las à confiança no abismo da Minha misericórdia”.

> A MISSÃO DA IRMÃ FAUSTINA: “Consiste na recordação de uma verdade de fé, desde há séculos conhecida, embora bastante esquecida: sobre o amor misericordioso de Deus para com o homem e a transmissão de novas formas do culto da Misericórdia Divina, cuja prática haverá de conduzir à renovação da vida cristã em espírito de confiança e misericórdia”.

> A IMAGEM DE JESUS MISERICORDIOSO: “O seu modelo foi mostrado em visão a Irmã Faustina no dia 22 de Fevereiro de 1.931 na cela do Convento.

Ela relata: “À noite, quando me encontrava na minha cela, vi Nosso Senhor vestido de branco. Uma das mãos erguida para a bênção, e a outra tocava-Lhe a túnica, sobre o peito. Da túnica entreaberta sobre o peito saíam dois grandes raios, um vermelho e o outro pálido. (...) Logo depois, Jesus me disse: “Pinta uma Imagem de acordo com o modelo que estás vendo, com a inscrição: Jesus, eu confio em Vós. Quero que essa Imagem seja benzida solenemente no primeiro domingo depois da Páscoa, e esse domingo deve ser a Festa da Misericórdia”.

O conteúdo desta Imagem está, pois, estreitamente ligado à Liturgia desse Domingo. A Igreja lê nesse dia o Evangelho segundo São João da aparição de Jesus Ressuscitado no Cenáculo e da instituição do Sacramento da Reconciliação (Jo 20,19-29). A Imagem representa então Jesus Ressuscitado que traz aos homens a paz pela remissão dos pecados, pelo preço da Sua Paixão e Morte na Cruz. Os raios do Sangue e da Água que brotam do Coração (invisível na Imagem), trespassado por uma lança, e as cicatrizes das chagas da crucifixão relembram os acontecimentos da Sexta-Feira Santa (Jo 19,17-18; 33-37). A Imagem de Jesus Misericordioso une, então, estes dois acontecimentos evangélicos que mais plenamente falam sobre o amor de Deus para com o homem.

Características desta Imagem de Cristo são os dois raios. Nosso Senhor esclareceu seu significado: “o raio pálido significa a Água que justifica as almas; o raio vermelho significa o Sangue que é a vida das almas. Feliz aquele que viver à sua sombra”.

O sacramento do Batismo e da Reconciliação purificam a alma e a Eucaristia alimenta-a mais abundantemente. Os dois raios significam os Sacramentos e todas as graças do Espírito Santo, cujo símbolo bíblico é a água e também a Nova Aliança de Deus com o homem feita no Sangue de Cristo.

A Imagem de Jesus Misericordioso é freqüentemente designada como Imagem da Misericórdia Divina, o que é justo, pois é no mistério pascal de Cristo que mais claramente se revelou o amor de Deus para com o homem. Essa Imagem não só apresenta a Misericórdia Divina, mas constitui também um sinal para lembrar o dever cristão da confiança em Deus e de um ativo amor para com o próximo. Na legenda, segundo a vontade de Cristo são colocadas as

palavras: “Jesus, eu confio em Vós”. Por meio desta Imagem - disse também Nosso Senhor - “concederei muitas graças às almas. Ela deve lembrar as exigências da Minha misericórdia, porque mesmo a fé mais forte de nada serve sem as obras”. A um culto da Imagem de tal modo compreendido, e que consiste na atitude cristã de confiança e misericórdia. Nosso Senhor ligou promessas especiais: de salvação eterna, de grandes progressos no caminho da perfeição cristã, da graça de uma morte feliz e ainda de outros dons que os homens Lhe suplicam”. “Por meio dessa Imagem concederei muitas graças às almas; que toda alma tenha, por isso, acesso a ela”.

> A FESTA DA MISERICÓRDIA: “Ocupa um lugar privilegiado entre todas as formas da devoção à Misericórdia Divina reveladas à Irmã Faustina. Pela primeira vez Nosso Senhor falou sobre a instituição desta Festa em 1.931, quando exprimiu Sua vontade de que fosse pintada a Imagem: “Eu desejo que haja a Festa da Misericórdia...”

A escolha do primeiro Domingo depois da Páscoa para a Festa da Misericórdia tem o seu profundo sentido teológico ao mostrar a estreita união que existe entre o mistério pascal da Redenção e o mistério da Misericórdia de Deus. Esta união está ainda sublinhada pela Novena, com o Terço da Misericórdia Divina; começando na Sexta-Feira Santa.

A Festa não se resume apenas àquele dia para, de modo especial, louvar a Deus no mistério da misericórdia, mas também constitui o tempo de graça para todos os homens. “Desejo que a Festa da Misericórdia seja refúgio e abrigo para todas as almas, especialmente para os pecadores”. “As almas se perdem, apesar da Minha amarga Paixão. Estou lhes dando a última tábua de salvação, isto é, a Festa da Minha misericórdia. Se não venerarem a Minha misericórdia, perecerão por toda a eternidade”.

A grandeza dessa Festa só pode ser avaliada pelas extraordinárias promessas que Nosso Senhor a Ela atribuiu: “...alcançará perdão total das faltas e dos castigos aquele que, nesse dia, se aproximar da Fonte da Vida”. “Neste dia, estão abertas as entranhas da Minha misericórdia. Derramo todo um mar de graças sobre as almas que se aproximam da fonte da Minha misericórdia. Que nenhuma alma tenha medo de se aproximar de Mim, ainda que seus pecados sejam como o escarlate”.

Para aproveitar destes grandes dons é preciso cumprir as condições da devoção à Misericórdia Divina: confiança na bondade de Deus, o amor ativo para com o próximo e encontrar-se em estado de graça santificante (após a confissão) dignamente recebendo a Sagrada Comunhão”. “Nenhuma alma terá justificação - esclareceu Nosso Senhor - enquanto não se dirigir, com confiança, à Minha misericórdia... Nesse dia, os sacerdotes devem falar às almas desta Minha grande e insondável misericórdia”.

> A HORA DA MISERICÓRDIA: “Em Outubro de 1.937, Nosso Senhor mandou

através da Irmã Faustina venerar a Hora da Sua Morte: “Todas as vezes que ouvires o bater o relógio, às três horas da tarde, debes mergulhar toda na Minha misericórdia, adorando-A e glorificando-A. Implora a onipotência dela em favor do Mundo inteiro e especialmente dos pobres pecadores, porque nesse momento a misericórdia foi largamente aberta para toda a alma”.

Nosso Senhor também mencionou de uma maneira precisa os meios próprios de oração para esta forma de culto da Misericórdia Divina: “Minha filha - disse Nosso Senhor - procura rezar, nessa hora, a Via-sacra, entra, ao menos por um momento na capela e adora o Meu Coração que está cheio de misericórdia no Santíssimo Sacramento. Se não puderes sequer ir à capela, recolhe-te em oração onde estiveres, ainda que seja por um breve momento”.

Condições para que a oração dirigida nessa hora seja escutada:

- 1) Aprece deve ser dirigida a Jesus Cristo;
- 2) Deve ser feita às três horas da tarde;
- 3) Deve recorrer ao valor e méritos da Paixão do Senhor”.

“Nessa hora - prometeu Jesus - conseguireis tudo para ti e para os outros. Nessa hora, realizou-se a graça para todo o Mundo: a misericórdia venceu a justiça”.

> A DIVULGAÇÃO DO CULTO DA MISERICÓRDIA: “Jesus disse a Irmã Faustina: “As almas que divulgam o culto da Minha misericórdia Eu as defendo por toda a vida como terna mãe defende seu filhinho e, na hora da morte não serei Juiz para elas, mas sim o Salvador Misericordioso”. “Desejo a confiança das Minhas criaturas e obras de misericórdia: ações, palavras e oração”.

“De-ves mostrar-te misericordiosa com os outros, sempre e em qualquer lugar. Tu não podes te omitir, desculpar-te ou justificar-te”. Jesus deseja que cumpramos em cada dia pelo menos um ato de amor para com o próximo.

A divulgação do culto da Misericórdia Divina não exige necessariamente muitas palavras, mas sempre uma atitude cristã de fé, de confiança em Deus, tornando-nos cada vez mais misericordiosos. O exemplo deste apostolado foi-nos dado pela Irmã Faustina durante toda a sua vida.

A missão da Irmã Faustina encontra sua profunda justificação na Sagrada Escritura e, nos documentos da Igreja sendo notável o modo como está em concordância com a Encíclica do Santo Padre João Paulo II: “Deus rico em misericórdia”.

> O TERÇO DA MISERICÓRDIA DIVINA: “Nosso Senhor ditou este Terço à Irmã Faustina em Setembro de 1.935, como oração de expiação e para aplacar a ira de Deus. Os que rezam este Terço oferecem ao Eterno Pai o Corpo e Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo em expiação pelos seus pecados, dos seus entes queridos e de todo o mundo, e unindo-se com o sacrifício de Jesus, recorrem àquele amor que o Pai Celestial, tem para com o Seu Filho e para com todos os homens em Jesus Cristo.

Nesta oração pedem também a misericórdia para nós e para o mundo e, deste modo, cumprem a obra de misericórdia. Acrescentando ainda a atitude de confiança e cumprindo as condições de

cada boa oração (a humildade, a perseverança e a intenção de acordo com a vontade de Deus), os fiéis podem esperar o cumprimento das promessas de Cristo que, de modo especial, dizem respeito à hora da morte: a graça da conversão e morte feliz. Receberão esta graça, não só as pessoas que rezam este Terço, mas também os agonizantes diante de quem outros rezem. “Quando recitam esse terço junto a um agonizante - disse Jesus - aplaca-se a ira de Deus, a misericórdia insondável envolve a alma”. A promessa geral diz: “Pela recitação deste terço agrada-Me dar tudo o que Me peçam, se estiver de acordo com a Minha vontade. Tudo, pois, o que não está de acordo com a vontade de Deus não é, de nenhum modo bom para o homem e especialmente no que toca à sua felicidade eterna. ... pela recitação desse Terço - disse em outro lugar Nosso Senhor - aproximam a Humanidade de Mim”. “As almas que rezarem este Terço serão envolvidas pela Minha misericórdia, durante a sua vida, e de modo particular, na hora da sua morte”.

> COMO REZAR O TERÇO DA MISERICÓRDIA:

(Usa-se o terço comum)

No início rezam-se: 1 Pai-Nosso, 1 Ave-Maria e Creio.

- Nas contas do Pai-Nosso, reza-se: Eterno Pai, eu Vos ofereço o Corpo e Sangue, Alma e Divindade de Vosso dilettíssimo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, em expiação dos nossos pecados e do mundo inteiro.

- Nas contas das Ave-Marias, reza-se: Pela Vossa dolorosa Paixão, tende misericórdia de nós e do mundo inteiro. (10 vezes)

- Ao final do terço, reza-se três vezes: Deus Santo, Deus Forte, Deus Imortal, tende piedade de nós e do mundo inteiro.

Bibliografia:

> Livro: “Diário - A Misericórdia Divina na minha alma”-Santa Maria Faustina Kowalska-Editora Imprimatur

> Sites: www.vatican.va/ www.cleofas.com.br

> Catecismo da Igreja Católica (Compêndio)

> Livro Imitação de Maria: Obra modelada pela Imitação de Cristo por um religioso anônimo. Editora Quadrante



Informativo:

Instituto de Musica Santa Cecilia
Teclado - Contra Baixo - Violão - Guitarra
Bateria - Canto - Musicalização Infantil

Fone
(19) 3241-7706

Publicação e Edição:

Associação Filhos de Jesus e Maria
www.afjm.org.br

Tiragem: 150 exemplares